

Missão Espiritana

Volume 13 | Number 13

Article 11

6-2008

Tutela Domus

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

(2008). Tutela Domus. *Missão Espiritana*, 13 (13). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol13/iss13/11>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

páginas da história espiritana

1) a "tutela domus"

Até há pouco tempo, à entrada das casas espiritanas, na portaria, ou em lugar de destaque, era frequente ver-se uma imagem de Nossa Senhora, adornada com o título de "*Tutela Domus*", ou seja, a "guarda ou protectora da casa". Todos se lembram ainda da Tutela Domus de Viana do Castelo na portaria, da Silva, na varanda da casa antiga e da do Fraião.

Este costume remonta ao ano de 1908, em que o Superior Geral da Congregação Mons. Le Roy, prescreveu esta norma para toda a Congregação, como homenagem a Nossa Senhora, sob cuja tutela ou protecção estava consagrada. A protecção ou tutela de Maria estava efectivamente já no nome da Congregação das origens e acompanhou depois toda a nossa história. Esta estátua não era apenas um adorno de carácter devocional: era uma confissão pública a Nossa Senhora, em acção de graças pela sua presença na nossa história e um pedido da sua bênção para cada uma das nossas comunidades. Mons. Le Roy, ele mesmo o explica no decreto que a esse respeito promulgou.

"A Santíssima Virgem Maria foi sempre entre nós objecto de uma devoção particular: a ela fomos consagrados, somos seus filhos e seus apóstolos.

O Venerado Cláudio Poullart des Places tinha dado à sua pequena sociedade, o nome, inscrito nas primeiras Regras, de *Sodalício do Espírito Santo sob a tutela da Virgem Imaculada*" e as suas cartas régias de 17 de Dezembro de 1726 a aprovam com o mesmo título de *Comunidade do Espírito Santo sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado*".

Os nossos antepassados, confrontados com os protestantes e os jansenistas de quem muito tiveram que sofrer, quiseram assim afrimar a sua fé na Imaculada Conceição de Maria, que só viria a ser proclamada como dogma em 1854.

Na mesma ordem de ideias a Regra Primitiva prescreve

"Esta estátua não era apenas um adorno de carácter devocional: era uma confissão pública a Nossa Senhora"

"A Santíssima Virgem Maria foi sempre entre nós objecto de uma devoção particular:

“o selo da Congregação será a imagem do Espírito Santo e da Bem-aventurada Virgem Maria. E a estátua de Maria será colocada no cimo da porta principal, com esta inscrição: “*Tutela Domus*”.”

no fim o Regulamento Diário (ordo diei) que termina por uma série de prescrições destinadas a honrar e a fazer honrar Maria com um culto permanente e todo especial: recitação diária, e de joelhos, da Ladainha da Santíssima Virgem assim como do Terço; jejum na véspera da festa da Imaculada Conceição e, sempre que possível, nas outras festas de Nossa Senhora, e peregrinação anual a um dos seu santuários.

Enfim, o selo da Congregação será a imagem do Espírito Santo e da Bem-aventurada Virgem Maria. E a estátua de Maria será colocada no cimo da porta principal, com esta inscrição: “*Tutela Domus*”.

Por outro lado, é inútil lembrar, tanto estas coisas nos são familiares, que a Santíssima Virgem ocupa um lugar especial na vida e na obra do Venerável Padre Libermann; ela mesma quis afirmá-lo na sua conversão definitiva em Paris, no primeiro trabalho da sua santificação no seminário de Issy, na sua vocação em Rennes, na sua cura miraculosa em Loreto, na fundação da *Congregação do Imaculado Coração de Maria* e na redacção das suas primeiras Regras em Roma, em La-Neuville-les-Amiens e em Nossa Senhora du Gard.

Mais tarde, será no santuário de Nossa Senhora das Vitórias que nos foi confiada a nossa missão africana e foi com o nome de Maria nos lábios que tombaram os nossos primeiros missionários nas costas então inóspitas do continente negro. “Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor e a Maria” (*Sive vivimus, sive morimur, Domini sumus et Mariae*).

Esta confiança filial nunca nos abandonou. E quando em certos momentos da sua história a Congregação foi declarada legalmente inexistente em França, ou seja, exposta, como muitas outras, à dispersão (1901) foi ainda para o doce refúgio do Imaculado Coração de Maria, em Nossa Senhora das Vitórias, que ela se voltou: e por um acto, talvez único, nesta matéria, o Governo Francês não só veio atrás na sua decisão como, numa nova deliberação, nos confirma expressamente na nossa existência legal.

Então como hoje, Maria tem sido verdadeiramente a nossa protectora.

Já uma primeira vez, o Conselho Geral quis reconhecer esta protecção de que temos sido objecto, adoptando em toda a Congregação o *ofício da Bem-aventurada Virgem Maria Imaculada ou de Nossa Senhora de Lurdes*, no dia 11 de Fevereiro.

Mas isto não era bastante. Este ano, na sessão de 7 de Janeiro de 1908, por proposta que lhe tinha sido feita, o Conselho Geral quis dar um novo testemunho oficial, visível,

“Maria tem sido verdadeiramente a nossa protectora.”

público e permanente deste reconhecimento e foi tomada a seguinte decisão de que nós somos felizes em promulgar no dia seguinte à nossa festa patronal do Santíssimo Coração de Maria e no começo de um novo ano religioso.

1º Conforme à prática piedosa outrora em vigor, uma estátua da Santíssima Virgem – de preferência uma estátua de Nossa Senhora das Vitórias, do Imaculado Coração de Maria ou da Imaculada Conceição – será colocada na Casa Mãe, junto da entrada e com esta inscrição, que marca o seu significado e a sua finalidade: *Tutela Domus*.

2º. Esta mesma prática será adoptada em todas as casas de formação na Congregação, noviciados, escolasticados, escolas apostólicas e, na medida do possível, em todas as comunidades importantes.

3º. Na maior parte das casas, mesmo as mais humildes, que possuem já pelo menos uma estátua da Virgem Maria, bastará colocá-la por cima da porta de entrada (no interior ou muito perto) e acrescentar-lhe a inscrição, gravada ou pintada.

4º. É de aconselhar que se faça por esta ocasião uma pequena cerimónia, aproveitando para isso uma das próximas festas de Nossa Senhora.

Paris, Casa Mãe, na Festa do Imaculado Coração de Maria, 23 de Agosto de 1908.

Alexandre Le Roy, bispo de Alinda, Superior Geral.

2) trasladação do corpo do venerável padre para a rua Lhomond em 1967

Segundo os documentos oficiais conservados nos Arquivos da Congregação (*Bulletin Général e Procès de Béatification, etc*) é certo que o Venerável Padre Libermann faleceu em Paris, na Rua Lhomond, a 2 de Fevereiro de 1852.

Para não ser sepultado em cemitério público da cidade de Paris, foi o seu corpo transportado para a Casa espiritana do Noviciado, Nossa Senhora do Gard, perto de Amiens, em cuja comunidade havia um cemitério privado. Aí foi o corpo inumado a 4 de Fevereiro de 1852. Quando se mandou fazer um túmulo, nesse mesmo cemitério lá se depôs o corpo. Ainda hoje existe um pequeno monumento a recordar o túmulo em que Libermann esteve sepultado.

A 26 de Julho de 1865, portanto 15 anos depois da sua morte – não pertencendo já Nossa Senhora do Gard à Congregação – foi o corpo trasladado para Chevilly, onde chegou no dia 28 do mesmo mês. Limpou-se o corpo, aplicou-se um

“Esta mesma prática será adoptada em todas as casas de formação na Congregação”

“Para não ser sepultado em cemitério público da cidade de Paris, foi o seu corpo transportado para a Casa espiritana do Noviciado, Nossa Senhora do Gard”

“A 26 de Julho de 1865 foi o corpo trasladado para Chevilly”